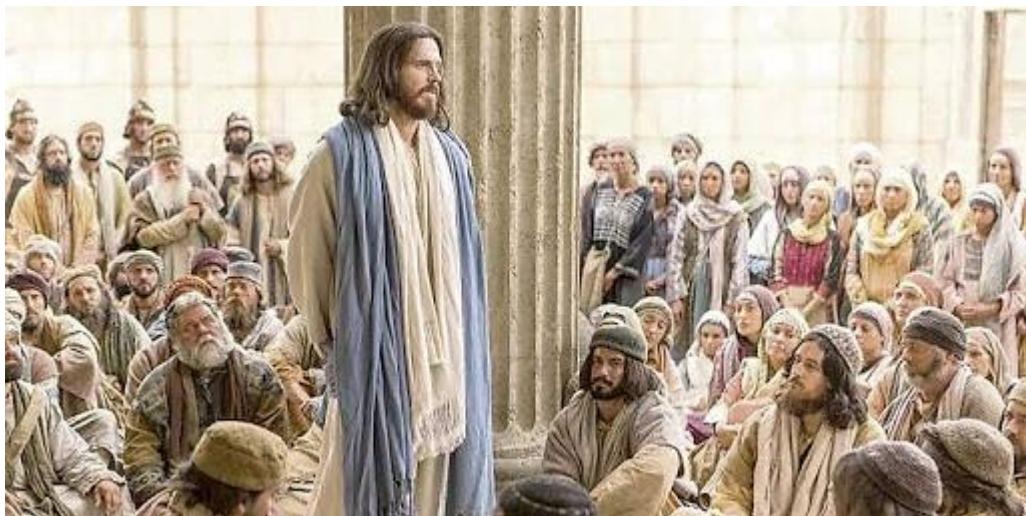


Domingo XXXIII do Tempo Comum-Ano C – 16 novembro 2025

IX Dia Mundial dos Pobres



^{“17}e sereis odiados por todos, por causa do meu nome.

¹⁸Mas não se perderá um só cabelo da vossa cabeça.

¹⁹Pela vossa constância é que sereis salvos.» Lucas 21, 17-19.

Viver a Palavra

A mensagem escatológica deste Domingo é um apelo à esperança e à confiança, mas também um apelo à vigilância e à perseverança. Jesus, Mestre da ternura e da bondade, não nos quer alarmar, e, por isso, dirige-se a cada um de nós para não nos deixarmos tomar pelo medo e pela angústia diante de tantas catástrofes e perseguições que hão-de acompanhar a história.

Jesus convida-nos a lançar um olhar novo sobre as realidades presentes, quer sejam belas e preciosas como as ornamentações do Templo, quer sejam dramáticas e exigentes como as guerras e perseguições que hão-de acompanhar aqueles que aderem ao Seu projeto de amor.

Dante do olhar contemplativo daqueles que admiravam «*as belas pedras e piedosas ofertas*» do Templo, Jesus parece iniciar um discurso pessimista e catastrófico: «*dias virão em que, de tudo o que estais a ver, não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído*». Contudo, bem diferente é a Sua intenção. Ele recorda-nos que as mais belas construções, tais como as maiores desgraças são passageiras, caducas e frágeis e convida-nos a fazer uma leitura nova do tempo e da história, desafiando-nos a tomar consciência que a par destas realidades efémeras, há algo que permanece como garante de eternidade: o amor que oferecemos e recebemos, o amor que é sinal da presença de Deus na vida de cada homem e de cada mulher.

Os anúncios catastróficos do fim do mundo não são novos e percorrem a história, sobretudo nas mudanças de milénio ou de século, onde as profecias do fim do mundo, próximo e iminente são recorrentes. Recordo, por exemplo, aquele episódio em que os discípulos de S. Agostinho se aproximaram dele lamentando a violência, as desgraças e as catástrofes e perguntavam: «*estarão a chegar o fim do mundo?*» e S. Agostinho, cheio da esperança que brota do Evangelho, respondeu-lhes: «*não é o mundo que está a acabar, mas um mundo novo que quer nascer*».

Na verdade, é precisamente esta a mensagem que brota do Evangelho deste Domingo. Jesus, consciente da caducidade e fragilidade das nossas vidas e conhecendo a violência e a maldade que pode brotar das nossas ações, propõe a perseverança no amor como caminho a seguir para uma transformação do mundo em que vivemos.

Não percorremos sozinhos os trilhos da história e quando as dificuldades surgirem, quando as divisões acontecerem, quando formos traídos e desprezados até por aqueles que nos são mais próximos, haveremos de recordar que «*nenhum cabelo da vossa cabeça se perderá*», isto é, que há um Deus que cuida de nós até ao mais ínfimo pormenor.

Todavia, a caducidade e fragilidade da nossa existência não são um convite à quietude ou à ociosidade. Como nos recorda S. Paulo, é necessário o empenho e a dedicação para que trabalhando tranquilamente sejamos merecedores do pão que comemos e possamos ser construtores desse mundo novo que Deus quer fazer irromper no tempo e na história.

É efetivamente necessário o fim do mundo, mas o fim de um mundo marcado pelo ódio, pela vingança, pela inveja e pelo egoísmo, para nascer um mundo novo, marcado pelo amor, pelo perdão, pela partilha e pela misericórdia. Cada dia e cada momento que Deus coloca em nossas mãos são uma oportunidade para nos

tornamos construtores audazes da nova civilização do amor, semeadores de esperança num tempo de desencanto e testemunhas da perseverança quando tudo parece efémero e passageiro. *in Voz Portugalense.*

Estamos quase a concluir o Ano Litúrgico – Ano C – onde somos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025** -, acompanhamos o evangelista **Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Malaquias 3,19-20a

Há de vir o dia do Senhor,
ardente como uma fornalha;
e serão como a palha todos os soberbos e malfeiteiros.
O dia que há de vir os abrasará
– diz o Senhor do Universo –
e não lhes deixará raiz nem ramos.
Mas para vós que temeis o meu nome,
nascerá o sol de justiça,
trazendo nos seus raios a salvação.

CONTEXTO

O nome "Malaquias" não é um nome próprio. A palavra significa "o meu enviado". É o título tomado por um profeta anónimo, sobre o qual praticamente nada sabemos e que se apresenta como "enviado" de Javé.

Esse profeta exerceu a sua missão em Jerusalém, no período pós-exílico. O Templo já havia sido reconstruído (cf. Ml 1,10) e o culto já funcionava — ainda que mal (cf. Ml 1,7-9. 12-13). No entanto, o entusiasmo pela reconstrução estava apagado. Desanimado ao ver que as antigas promessas de Deus (veiculadas por Ezequiel e pelo Deutero-Isaías) não se tinham cumprido, o Povo tinha caído na apatia religiosa e na absoluta falta de confiança em Deus. Duvidava do amor de Deus, da sua justiça, do seu interesse por Judá. Todo este ceticismo tinha repercussões no culto (cada vez mais desleixado) e na ética (multiplicavam-se as falhas, as injustiças, as arbitrariedades). Este quadro situa-nos na primeira metade do séc. V a.C. (entre 480 e 450 a.C.), muito próximo da época de Esdras e Neemias.

Malaquias, o "mensageiro de Javé" reage vigorosamente contra a situação em que o Povo de Judá está a cair. Defende intransigentemente os valores judaicos e a fé dos antepassados; aponta o dedo aos sacerdotes, aos levitas e a outros responsáveis pelo culto, denunciando o seu desleixo e venalidade; profetiza a chegada do tempo em que se oferecerá a Deus um culto puro e santo; coloca cada pessoa diante das suas responsabilidades para com Javé e para com o próximo; exige a conversão do Povo e o afastamento da idolatria; condena veementemente os casamentos mistos (entre judeus e não judeus), que fazem perigar a fidelidade a Javé. A sua lógica é a lógica deuteronómista: se o Povo se obstinar em percorrer caminhos de infidelidade à Aliança, voltará a conhecer a morte e a infelicidade, como aconteceu num passado recente; mas se o Povo se voltar para Javé e cumprir os mandamentos, voltará a gozar da vida e da felicidade que Deus oferece àqueles que seguem os seus caminhos.

Por detrás do texto que a liturgia deste domingo nos oferece como primeira leitura, está o ceticismo dos habitantes de Judá em relação à justiça de Deus, ao interesse de Deus em intervir na ordem do mundo. Eles sentem-se desiludidos, pois parece-lhes que Deus assume uma atitude de perfeita indiferença diante da sorte dos justos: "de que vale servir a Deus? Que lucrámos em ter observado os seus preceitos e em ter andado de luto diante do Senhor do universo? E agora temos de chamar ditosos aos arrogantes, pois eles fazem o mal e prosperam; põem Deus à prova e ficam impunes" (Ml 3,14-15). É a eterna interrogação sobre o sentido do mal que cobre a terra, sobre a prosperidade dos pecadores em contraste com o sofrimento dos justos. Deus não quer saber? Deus não faz nada para restabelecer a justiça? Ele alheou-se dos problemas dos homens e deixa que cada um faça o que quer?

Malaquias procura responder a estas questões. Garante que Deus não esquece os justos, os que constam do livro onde estão inscritos “os que temem o Senhor e prezam o seu nome” (Ml 3,16). Mais: Deus terá compaixão deles “como um pai que se compadece do filho que o serve” (Ml 3,17). Por isso, Deus vai atuar. Então, todos

verão “de novo a diferença entre o justo e o ímpio, entre quem serve a Deus e quem não O serve” (Ml 3,18). *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Em 1947 uma organização fundada por cientistas que trabalharam no Projeto Manhattan durante a Segunda Guerra Mundial, criou o “Relógio do Juízo Final”, ou “Relógio do Apocalipse”. É uma ferramenta simbólica onde está representado o risco da destruição global, com a meia-noite simbolizando a hora da aniquilação da humanidade. O ponteiro desse relógio é ajustado periodicamente por um grupo de cientistas e especialistas, com base em diversos fatores de risco. Atualmente, considerando tudo aquilo que constitui uma ameaça para a humanidade – a proliferação das armas nucleares, a instabilidade política internacional, o aumento da temperatura, a frequência de eventos climáticos extremos, o desenvolvimento de tecnologias como a inteligência artificial, a biologia sintética e outras tecnologias emergentes com potencial para usos destrutivos, o aparecimento de epidemias e doenças infeciosas globais – os cientistas colocaram os ponteiros do referido relógio muito perto da meia-noite, a “hora” fatídica em que a humanidade será destruída. Já não haverá esperança? Estamos condenados a acabar num inevitável cataclismo? E Deus? Fica indiferente ao ver os seus filhos a caminhar para um beco sem saída? Há 2450 anos um profeta anónimo garantia aos habitantes de Judá: Deus nunca nos abandona; Ele há de destruir, não a humanidade, mas sim aquilo que ameaça a vida dos seus filhos; o mal não triunfará, não terá a última palavra; a história que Deus está a construir connosco não é uma história de destruição, mas sim uma história de salvação. A nossa caminhada pela terra é ancorada nesta esperança?
- A história da salvação escreve-se todos os dias. A cada instante Deus apresenta-se na nossa vida, dá-nos as suas indicações, convida-nos a “queimar” tudo aquilo que nos impede de caminhar em direção à vida plena, chama-nos à conversão, à renovação, à construção de uma vida mais feliz e mais realizada. Da nossa parte, temos de andar atentos às indicações de Deus, escutar os seus apelos, ter a coragem de cortar da nossa vida tudo o que nos paralisa e nos impede de caminhar, atirar ao “fogo” purificador todos os lixos que obscurecem a nossa condição de filhos e de filhas de Deus. Estamos disponíveis para acolher as interpelações e desafios purificadores que Deus nos traz? Quais são as coisas que Deus nos convida a “queimar” para que em nós possa concretizar-se a salvação?
- O discurso sobre o fim do mundo e as catástrofes que esperam a humanidade pecadora é um discurso que alguns pregadores – muitas vezes da área das seitas, outras vezes de grupos ditos “cristãos”, mas que se movimentam em terrenos e conceções muito próximas das seitas – gostam de usar para incutir medo. Independentemente das boas ou más intenções desses pregadores, o medo não é uma boa base para construirmos a nossa experiência de fé e para nos aproximarmos do Deus que Jesus nos veio revelar. Usar certos textos – como este que a liturgia nos propõe hoje como primeira leitura – para fomentar o medo e para “forçar” à conversão poderá constituir uma grave distorção da Palavra de Deus. Como é que “ouvimos” discursos desse tipo? São discursos que nos impressionam e que condicionam a nossa visão de Deus e do seu projeto?
- A profecia de Malaquias começou a concretizar-se quando Jesus entrou na nossa história e se apresentou no meio de nós. Jesus é o “sol de justiça” de cujos raios colhemos a salvação. As palavras que Ele nos disse convidam-nos à mudança, à renovação, à vida nova; os seus gestos propõem-nos uma maneira de viver radicalmente nova; o Seu amor até ao extremo, até ao dom total de si próprio, mostra-nos como devemos amar; o Espírito que Ele deixou aos seus dá-nos a força para testemunharmos Evangelho e para renovarmos a face da terra. Com Jesus começou a tornar-se realidade o Reino de Deus, esse mundo de justiça e de paz que, no entanto, só se concretizará plenamente no final dos tempos, quando a humanidade tiver ultrapassado a etapa terrena da finitude e da contingência. Jesus é, para nós, o “sol de justiça” que ilumina a nossa vida e que nos mostra o caminho? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 97 (98)

Refrão 1: O Senhor virá governar com justiça.

Refrão 2: O Senhor julgará o mundo com justiça.

Cantai ao Senhor ao som da cítara,

ao som da cítara e da lira;

ao som da tuba e da trombeta,

aclamai o Senhor, nosso Rei.

Ressoe o mar e tudo o que ele encerra,

a terra inteira e tudo o que nela habita;

**aplaudam os rios
e as montanhas exultem de alegria.
Diante do Senhor que vem,
que vem para julgar a terra;
julgará o mundo com justiça
e os povos com equidade.**

LEITURA II – 2Tessalonicenses 3, 7-12

Irmãos:

Vós sabeis como deveis imitar-nos,
pois não vivemos entre vós desordenadamente,
nem comemos de graça o pão de ninguém.
Trabalhámos dia e noite, com esforço e fadiga,
para não sermos pesados a nenhum de vós.
Não é que não tivéssemos esse direito,
mas quisemos ser para vós exemplo a imitar.
Quando ainda estávamos convosco,
já vos dávamos esta ordem:
quem não quer trabalhar, também não deve comer.
Ouvimos dizer que alguns de vós vivem na ociosidade,
sem fazerem trabalho algum,
mas ocupados em futilidades.
A esses ordenamos e recomendamos,
em nome do Senhor Jesus Cristo,
que trabalhem tranquilamente,
para ganharem o pão que comem.

CONTEXTO

Tessalónica (a atual Salónica) era, em meados do séc. I, a cidade mais importante da Macedónia. Tendo obtido do imperador Augusto o privilégio de “cidade livre”, era administrada por um conselho eleito pela assembleia do povo (cf. Act 17,5) e presidida por magistrados denominados “politarcas” (cf. Act 17,6-8). Importante porto marítimo e cidade de intenso comércio, Tessalónica era uma encruzilhada religiosa, na qual os cultos locais e as religiões vindas do estrangeiro coexistiam lado a lado.

A cidade foi evangelizada por Paulo durante a sua segunda viagem missionária, muito provavelmente no Inverno do ano 49 ou 50. Paulo chegou a Tessalónica acompanhado por Silvano e Timóteo, depois de ter sido forçado a deixar a cidade de Filipos. Essa primeira estadia de Paulo em Tessalónica foi curta, talvez de cerca de três meses; no entanto, do labor apostólico de Paulo nasceu uma comunidade cristã numerosa e entusiasta, constituída maioritariamente por pagãos convertidos. De acordo com a informação dos Atos dos Apóstolos, a obra missionária de Paulo teve a oposição de alguns membros da comunidade judaica. Na sequência, alguns cristãos da cidade foram acusados de agir contra os decretos do imperador e levados diante das autoridades da cidade (cf. At 17,5-9). Paulo foi obrigado a deixar a cidade à pressa, durante a noite. Dirigiu-se para a Bereia e, de seguida, para Atenas (cf. At 17,10-15).

No entanto, o apóstolo estava preocupado com a situação da comunidade que tinha deixado em Tessalónica. Pressionados pelas autoridades da cidade, conseguiriam eles manterem-se fiéis ao Evangelho? Por isso, Paulo enviou Timóteo a Tessalónica para saber informações e para encorajar os tessalonICENSES na fé (cf. 1 Ts 3,2-5). Timóteo, depois de cumprir a missão que lhe fora confiada, reencontrou Paulo em Corinto. As notícias trazidas por Timóteo eram boas: os cristãos de Tessalónica enfrentavam as adversidades e mantinham-se fiéis à fé recebida. Confortado pelas informações trazidas por Timóteo, Paulo decidiu escrever aos cristãos de Tessalónica, felicitando-os pela sua fidelidade ao Evangelho. Aproveitou também para esclarecer algumas dúvidas doutrinais que inquietavam os tessalonICENSES – nomeadamente sobre a segunda vinda do Senhor – e para corrigir alguns aspectos menos exemplares da vida da comunidade. A Primeira Carta aos TessalonICENSES é, com toda a probabilidade, o primeiro escrito do Novo Testamento. Apareceu na Primavera-Verão do ano 50 ou 51.

Uns meses depois dessa primeira Carta à comunidade cristã de Tessalónica, Paulo escreveu uma outra. O objetivo seria corrigir algumas interpretações erradas que a primeira Carta tinha suscitado.

O texto da Carta aos TessalonICENSES que a liturgia deste domingo nos oferece como segunda leitura refere-se à forma como alguns cristãos de Tessalónica viviam, apenas ocupados em atividades inúteis. Não fica claro, pelo texto, se se trata de simples parasitismo e instalação numa vida fácil, ou se se trata de uma exaltação espiritualista resultante da convicção de que a segunda vinda de Jesus estava próxima e não valeria a pena

preocupar-se com a luta diária pela existência. Mas Paulo, com uma dureza inesperada, chama à razão os cristãos de Tessalónica. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Poderá a experiência religiosa favorecer uma certa evasão do mundo e afastar as pessoas do seu compromisso com a história? O “homem” religioso poderá ser tentado a viver de olhos postos no céu, num espiritualismo alienado e inconsequente, negligenciando os seus deveres na terra e os desafios que a vida quotidiana lhe traz? Só uma compreensão deturpada da religião levará alguém a voltar as costas ao mundo e a viver desconectado com as realidades do dia a dia. Na verdade, quem vive de olhos postos em Deus e na verdade de Deus, rapidamente percebe que Deus lhe confia a missão de transformar o mundo. Até aqueles e aquelas que são chamados por Deus a uma vocação mais contemplativa têm a responsabilidade de serem sinais e testemunhas de um mundo novo. O cristianismo vivido com verdade, seriedade e coerência potencia um empenhamento sincero na construção de um mundo mais justo, mais fraterno, mais humano. O Reino de Deus é uma realidade que atingirá o ponto culminante na vida futura; mas começa a construir-se aqui e agora e exige o esforço e o empenho de todos. A nossa atitude, enquanto discípulos de Jesus, é a de quem se comprometeu com o Reino e se esforça por torná-lo uma realidade no mundo?
- Paulo fala também de cristãos que “vivem na ociosidade, sem fazerem trabalho algum, mas ocupados em futilidades”. Trata-se de gente preguiçosa e acomodada, avessa a qualquer esforço, que se aproveita da bondade dos irmãos para viver à custa deles. Paulo não está a referir-se, aqui, às pessoas fragilizadas e em dificuldades, àqueles que as circunstâncias da vida privaram de bens de subsistência e que têm o direito de serem ajudados e cuidados pela comunidade; mas está a referir-se àqueles que não querem esforçar-se, que vivem de esquemas, que se instalam na pedinchice, que se habituaram a depender dos outros e que não mexem um dedo para tomar nas próprias mãos as rédeas da sua vida. Paulo diz, a propósito: “quem não quer trabalhar, também não deve comer”. O que pensamos disto?
- Nas nossas comunidades cristãs encontramos com frequência pessoas que, independentemente da sua condição, das suas qualificações, das suas qualidades, se limitam a ser “consumidores passivos” da religião: usufruem daquilo que a comunidade constrói, participam de alguns momentos celebrativos que lhes interessam, mas não estão disponíveis para colaborar na comunidade, para ajudar a construir a comunidade, para pôr ao serviço da comunidade os dons que Deus lhes concedeu. Acabam por não estar envolvidos na vida da comunidade e por não fazer uma verdadeira experiência de vivência comunitária da fé. Como é que nos situamos em relação à comunidade cristã? Damos o nosso contributo na construção da comunidade? Pomos a render os nossos dons, colocando-os ao serviço da comunidade? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 21,5-19

**Naquele tempo,
comentavam alguns que o templo estava ornado
com belas pedras e piedosas ofertas.**

Jesus disse-lhes:

**«Dias virão em que, de tudo o que estais a ver,
não ficará pedra sobre pedra:**

tudo será destruído».

Eles perguntaram-lhe:

«Mestre, quando sucederá isso?

Que sinal haverá de que está para acontecer?»

Jesus respondeu:

**«Tende cuidado; não vos deixeis enganar,
pois muitos virão em meu nome
e dirão: “sou eu”; e ainda: “O tempo está próximo”.**

Não os sigais.

**Quando ouvirdes falar de guerras e revoltas,
não vos alarmeis:**

**é preciso que estas coisas aconteçam primeiro,
mas não será logo o fim».**

Disse-lhes ainda:

«Há de erguer-se povo e reino contra reino.

Haverá grandes terramotos

e, em diversos lugares, fomes e epidemias.

Haverá fenómenos espantosos e grandes sinais no céu.

**Mas antes de tudo isto,
deitar-vos-ão as mãos e hão de perseguir-vos,
entregando-vos às sinagogas e às prisões,
conduzindo-vos à presença de reis e governadores,
por causa do meu nome.**

Assim tereis ocasião de dar testemunho.

**Tende presente em vossos corações
que não deveis preparar a vossa defesa.**

**Eu vos darei língua e sabedoria
a que nenhum dos vossos adversários
poderá resistir ou contradizer.**

**Sereis entregues até pelos vossos pais,
irmãos, parentes e amigos.**

**Causarão a morte a alguns de vós
e todos vos odiarão por causa do meu nome;
mas nenhum cabelo da vossa cabeça se perderá.**

Pela vossa perseverança salvareis as vossas almas.

CONTEXTO

O Evangelho do trigésimo terceiro domingo comum situa-nos em Jerusalém, num dos dias que precedem a prisão, condenação e morte de Jesus na cruz. O programa de Jesus, nestes dias, é sempre igual: de manhã dirige-se ao templo e passa aí o dia, “a ensinar”; ao final da tarde sai da cidade, atravessa o vale do Cedron e vai até ao Monte das Oliveiras, onde passa a noite (cf. Lc 21,37). Esses dias também vão ser marcados por diversas controvérsias entre Jesus e os líderes judaicos. A sombra da cruz paira, a cada instante, no horizonte próximo de Jesus.

Tudo começa com os comentários “de alguns” sobre a beleza e a riqueza do templo de Jerusalém (cf. Lc 21,5). O templo era, na verdade, uma construção magnífica. Herodes, o Grande, tinha começado as obras de ampliação e de restauração do templo no ano 19 a.C.; mas, na época em que Jesus andava por Jerusalém, os trabalhos continuavam (só foram concluídos por volta do ano 63 d.C.). A área do templo ocupava uma superfície de mil e quinhentos metros quadrados e as pedras utilizadas na construção chegavam a ter vinte metros de comprimento. Coberto de mármore branco, o templo refletia os raios do sol e brilhava como uma joia preciosa. As portas tinham incrustações de ouro e no interior havia tapeçarias de linho finíssimo de cor azul, escarlate e púrpura.

Em resposta aos comentários sobre a grandiosidade e a beleza do templo, Jesus avisa que, um dia, toda essa construção desaparecerá (cf. Lc 21,6). Muito impressionados, os interlocutores de Jesus pedem-lhe explicações: quando será isso (cf. Lc 21,7)? Em resposta, Jesus deixa-lhes uma longa instrução que é conhecida como o “discurso escatológico” (cf. Lc 21,8-38).

Na versão do evangelista Lucas, o “discurso escatológico” de Jesus refere três momentos, ou temas, da história futura: a destruição de Jerusalém (que veio a concretizar-se no ano 70, quando as tropas romanas sob o comando de Tito tomaram Jerusalém e destruíram o templo), as vicissitudes que os discípulos irão enfrentar ao longo do seu caminho histórico e, por fim, a vinda definitiva do Filho do Homem. De acordo com o texto de Lucas, Jesus recorre, para falar de tudo isto, a imagens estereotipadas de que os pregadores escatológicos da época se serviam quando discorriam sobre o fim dos tempos. A finalidade de Lucas, ao oferecer-nos o “discurso escatológico de Jesus”, não é tanto descrever os acontecimentos da história futura dos homens, mas sim transmitir aos crentes – aos crentes da década de oitenta do primeiro século e aos crentes de todas as épocas – a força para viverem o seu compromisso com Jesus no meio das dificuldades, incompreensões e perseguições que a história os obrigará a enfrentar. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Para onde caminha a história humana? Este universo que Deus criou com amor e que entregou nas nossas mãos terá um fim? Quando chegará ao seu termo essa magnífica aventura que a humanidade tem vindo a viver desde há milhões de anos? O que acontecerá quando a história dos homens já não tiver mais estrada para andar? Que acontecimentos catastróficos irão pôr um ponto final na história dos homens e nas conquistas de que tanto nos orgulhamos? A nossa curiosidade leva-nos a cada passo a colocar estas ou outras perguntas semelhantes. Certo dia, em Jerusalém, Jesus conversou com os seus discípulos sobre estas questões. Não deu pormenores, não se preocupou em saciar a curiosidade que devorava os discípulos. Garantiu-lhes que, aconteça o que acontecer, no final do caminho estará Deus à espera; pediu-lhes que caminhassem de olhos postos em Deus e que nunca se deixassem vencer pelo medo ou pelo desânimo; ensinou-os a viver com

esperança. Não caminhamos em direção ao nada; caminhamos para os braços amorosos de Deus. N'Ele encontraremos vida definitiva, vida plena, vida verdadeira. Como é que nós vivemos e sentimos estas coisas? O “fim” é algo que nos preocupa e angustia, ou caminhamos serenamente, com o coração em paz, colocando em Deus a nossa confiança e a nossa esperança?

- O caminho que os homens percorrem pela história será fácil e indolor? É claro que não. Será sempre um caminho marcado pela fragilidade do homem e, portanto, pela presença do mal. Sim, a história dos homens conhecerá a cada passo a violência, a guerra, a injustiça, a mentira, a ambição, a prepotência, as trevas. Mas nessa história também está Deus a apontar aos homens o caminho que leva ao mundo novo. Por isso, a história dos homens também conhecerá a justiça, a bondade, a verdade, o amor, a luz. Jesus lançou à terra a semente do mundo novo, do Reino de Deus; e todos os dias essa semente desenvolve-se e produz frutos abundantes. Esses frutos – os gestos que tantos homens e mulheres fazem, muitas vezes sem “dar nas vistas”, e que tornam o nosso mundo mais justo, mais humano, mais feliz – são os sinais da presença do Reino de Deus na história e na vida dos homens. Aos discípulos de Jesus pede-se que reconheçam os sinais do Reino de Deus, que se alegrem porque o Reino está presente e que se esforcem, todos os dias, por construí-lo. Quais são os sinais de esperança que vemos brilhar no mundo e que nos fazem acreditar na presença do Reino de Deus no meio de nós? O que podemos fazer, no dia a dia, para apressar a chegada do Reino de Deus?
- Jesus avisou os seus discípulos que deveriam contar, ao longo da sua caminhada pela terra, com a contestação, a rejeição, as acusações injustas, as traições, o sofrimento, a perseguição. Isto é estranho e inesperado? Não. O próprio Jesus não foi rejeitado, preso, condenado e crucificado pelos líderes políticos e religiosos do Seu povo? A nossa experiência de todos os dias diz-nos que quem procura ser sinal de Deus e dar testemunho da justiça e da verdade sofrerá inevitavelmente a oposição dos que pretendem perpetuar as estruturas do mundo velho. O medo da perseguição, a perspetiva do martírio, o desejo de não perder benesses, a vida cômoda, serão razões suficientes para desistirmos do nosso testemunho? Estaremos sozinhos numa luta inglória contra os “senhores do mundo”? Jesus garantiu-nos que estaria sempre ao nosso lado e que cuidaria de nós (“nenhum cabelo da vossa cabeça se perderá”). Essa certeza motiva-nos a ser testemunhas e arautos do mundo novo?
- Jesus recomendou aos discípulos que não se deixassem enganar pelos falsos messias nem contaminar pelos discursos sem nexo dos pregadores afetados pela “febre escatológica”. Jesus deu a entender que os discursos aterradores sobre o fim do mundo e sobre os “castigos” que Deus teria “em agenda” para lidar com os maus é conversa de gente um tanto desequilibrada. Sobre esses “profetas da desgraça”, Jesus disse: “não os sigais”; e, sobre as suas pregações delirantes, disse: “não vos alarmeis”. Entretanto, passaram-se mais de dois mil anos.... Era suposto termos aprendido a lidar com tudo isto. Mas, em pleno séc. XXI, continuamos a difundir e a escutar discursos aterradores sobre cataclismos pavorosos que, segundo alguns “iluminados” irão pôr um ponto final na história dos homens e castigar a humanidade pecadora. O Deus da bondade do amor alguma vez utilizaria o medo para controlar os seus filhos queridos que caminham no mundo? Queremos escutar Jesus, ou queremos escutar discursos irracionais de gente que recorre ao medo para nos submeter? *in Dehonianos*.

Para os leitores

As leituras propostas para este Domingo são de fácil proclamação, contudo, não devemos descurar a preparação de modo a um exercício mais eficaz do ministério do leitor.

Na **primeira leitura**, deve ter-se em atenção a expressão «*diz o Senhor do Universo*» que se encontra entre travessões e uma vez que é indicação do autor da mensagem deve ser lido num tom diferente do resto do texto.

Na **segunda leitura**, é necessário ter em conta o tom exortativo do texto com o cuidado para que não se torne um tom acusatório. Além disso, recomenda-se uma cuidada preparação das pausas e respirações sobretudo nas frases mais longas.